



O AGROHIDRONEGÓCIO NO MUNICÍPIO DE ARAÇOIABA-PE: UMA DISCUSSÃO INTRODUTÓRIA EM DEFESA DO PROCESSO DE CRIAÇÃO DE UMA HISTÓRIA EM QUADRINHOS EM UM CURSO DE MESTRADO EM GEOGRAFIA

Alex Mendes de Andrade

Claudio Ubiratan Gonçalves

INTRODUÇÃO

Este trabalho consiste em um estudo inicial sobre o processo de criação de uma História em Quadrinhos (HQ) como componente de uma pesquisa de mestrado sobre o agrohidronegócio no município de Araçoiaba-PE, Região Metropolitana do Recife (RMR). Além de um território predominantemente marcado pelo monocultivo da cana-de-açúcar, Araçoiaba também se destaca em relação a sua hidrografia, fundamental para a irrigação da cana e para a segurança hídrica da RMR.

Como podemos inferir a partir da leitura de Shiva (2003), a monocultura agrícola também promove uma monocultura da mente e, no caso de Araçoiaba, podemos perceber como a mentalidade do agrohidronegócio se difunde e é corroborada também através da arte, visível no Festival da Cana-de-açúcar que ocorre anualmente no município, com shows e uma variedade de atividades artísticas.

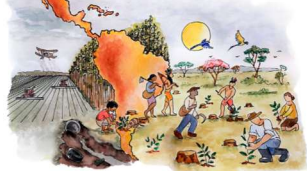
No município em questão, o controle da terra e da água segue à serviço dos interesses de uma economia agroexportadora que reproduz lógicas de exploração do trabalhador no monocultivo da cana-de-açúcar. Nesse sentido, compreendemos a aproximação da Geografia com a arte, focando especificamente na produção de uma HQ, como forma de potencializar estudos críticos sobre este modelo de produção agrícola.

Como objetivos, visamos: refletir sobre a criação de uma HQ como possibilidade de potencializar análises críticas sobre o agrohidronegócio no município de Araçoiaba-PE; apresentar a criação de uma HQ como forma de contribuição com a legitimação de outros

¹ Mestrando no Programa de Pós-graduação e Pesquisa em Geografia (PPGEO) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e artista visual.

² Professor do Departamento de Geografia da UFPE e coordenador do Laboratório de Estudos e Pesquisas Sobre Espaço Agrário e Camponato (LEPEC) da UFPE.

Pesquisa realizada através do Programa de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia (PPGEO) da Universidade Federal de Pernambuco e financiada pela Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco (FACEPE)



XI SINGA

SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA
XII SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA - JORNADA CARLOS WALTER PORTO-BONÇALVES

AS (IN)CONSEQUÊNCIAS TERRITORIAIS DA QUESTÃO AGRÁRIA E A
MUNDIALIZAÇÃO DO CAPITAL: RESISTÊNCIAS TEÓRICAS E POLÍTICAS

08 A 12 DE OUTUBRO DE 2025 | UFMS | TRÊS LAGOAS - MS

modos de produzir conhecimento geográfico; e desenvolver uma discussão introdutória sobre o processo de criação de uma HQ em um curso de mestrado em Geografia

No que diz respeito à discussão sobre o agrohidronegócio, Thomaz Junior (2017) e Andrade (1973, 1989, 1994) contribuem para a análise em relação ao monocultivo da cana-de-açúcar. Souza Neto (2001) nos permite questionamentos à Geografia enquanto ciência a partir dos quais discutimos a legitimação de outros modos de produzir conhecimento geográfico. Em relação à fundamentação para criação da HQ e à sua compreensão do ponto de vista teórico, nos referenciamos em Mc'Cloud (2005, 2006). D'Salet (2017), é um exemplo fundamental de como a HQ pode ser uma linguagem através da qual podemos explorar de modo crítico, e a partir de uma pesquisa acadêmica, temáticas de cunho agrário.

Nosso estudo é de base qualitativa, com pesquisa bibliográfica e documental. Contamos com a participação em eventos de Geografia como parte do trajeto percorrido para o amadurecimento da discussão trazida aqui, somada a participação no Grupo de Discussão (GD) do Laboratório de Estudos e Pesquisa Sobre Espaço Agrário e Campesinato (LEPEC) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

Ademais, em 2022, Alex Mendes de Andrade iniciou um trabalho como professor de Geografia no município de Araçoiaba-PE, o que contribuiu com sua aproximação da comunidade e para o desdobramento do estudo a partir da presença cotidiana no território. Atualmente, a pesquisa recebe contribuições das experiências que adquire a partir do trabalho que realiza na Secretaria Municipal de Educação. Se trata de um contexto de experiências que lhe permitiu contribuir com a mobilização de professoras e professores do município para formar o Grupo de Estudos e Pesquisas sobre as Geografias e Histórias de Araçoiaba-PE (GPHG), que tem dado início a um trabalho que, no conjunto de suas temáticas, tem nos permitido diálogos acerca do agrohidronegócio no município.

No que diz respeito à produção propriamente dita da HQ, ela terá seu processo criativo apoiado na experiência de Alex Mendes como artista visual que, através de projetos realizados

Participamos do XVI Encontro Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia, realizado de 21 a 26 de setembro na Universidade Federal do Amapá (UNIFAP) e do XI Simpósio Internacional de Geografia Agrária, realizado de 08 a 12 de outubro de 2025, na Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS). Em 2024, participamos do XXVI Encontro Nacional de Geografia Agrária (ENGA) ocorrido do dia 24 ao dia 28 de Junho na Universidade Federal do Maranhão (UFMA), e do VIII Congresso Brasileiro de Geógrafas e Geógrafos (CBG), realizado de 7 a 12 de Julho na Universidade de São Paulo (USP). Também estão incluídas em nosso processo de análise as reflexões resultantes da participação no X Simpósio Internacional de Geografia Agrária/ XI Simpósio Nacional de Geografia Agrária, ocorrido na USP de 14 a 18 de Novembro de 2023, bem como a participação na edição anterior deste evento, ocorrido na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), de 11 a 15 de Novembro de 2019. Também foi fundamental a participação no X FALA PROFESSOR(A), realizado de 17 a 22 de Julho de 2023, na Universidade Estadual do Ceará (UECE), Fortaleza-CE, e no VI Encontro Regional de Práticas de Ensino em Geografia (EREPEG), realizado de 27 a 30 de Novembro, na UFPE).



pelo LEPEC, tem explorado a produção artística a partir de temáticas relativas à Geografia Agrária.

METODOLOGIA

Nosso trabalho é de base qualitativa, com pesquisa bibliográfica e documental. Contamos com diálogos quotidianos e entrevistas feitas com a comunidade de Araçoiaba-PE, bem como com nosso envolvimento com a rede municipal de educação para o desdobramento do estudo. Para a pesquisa documental, consultamos o acervo das seguintes instituições: Fundação Joaquim Nabuco – FUNDAJ, a Biblioteca Pública de Igarassu/PE, a Agência Estadual de Planejamento e Pesquisa de Pernambuco CONDEPE/FIDEM, bem como o Centro de Estudos de História Municipal – CEHM, e Companhia Editora de Pernambuco – CEPE.

Considerando que significativa parcela da população do município trabalha no corte da cana-de-açúcar, não é uma tarefa difícil escutar da população relatos sobre este trabalho. Inclusive, os trabalhadores que estão atualmente em outras ocupações, fazendo trabalhos de mototáxi ou trabalhando no pequeno comércio local, frequentemente trabalham no corte da cana e não hesitam em nos apresentar suas vivências de trabalho na área. É desse diálogo, no momento de comprar um milho assado na beira da estrada antes de pegar o ônibus de retorno para casa, ou em outras ocasiões cotidianas, que têm sido construídas a experiência no território que atribui forma à dimensão empírica de nosso estudo.

É nesse contexto que, geralmente, os/as estudantes das escolas do município possuem familiares que trabalham ou trabalharam em atividades ligadas ao monocultivo da cana-de-açúcar. Deste modo, utilizamos a prática docente em três escolas do município para investigar sobre as condições de trabalho nos canaviais que cercam a comunidade.

Solicitamos, aos estudantes do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental - Anos Finais - da rede municipal, que entrevistassem seus familiares que trabalham, ou trabalharam, no corte da cana-de-açúcar. Estas entrevistas foram realizadas em 2024, registradas por escrito pelos estudantes e entregues como atividades avaliativas da disciplina de Geografia nas escolas Dom Pedro II, Hildebrando Carneiro de Souza e no Colégio Senador Paulo Guerra.

Neste ano de 2025, assim como no ano passado, fomos os responsáveis pela organização da Semana Municipal de Ciência e Tecnologia (SMCT). Em ambas as edições do evento exploramos a arte como uma linguagem que pode nos auxiliar na construção do conhecimento



científico. Nesta edição de 2025, a culminância do evento, ao invés do formato habitual de “feira de conhecimentos”, realizamos em praça pública uma exposição artístico-científica apresentando obras de arte produzidas por estudantes de toda a rede.

Dentro da temática geral do evento, estudantes de 11 escolas pesquisaram sobre os rios do território de Araçoiaba-PE. Solicitamos que realizassem entrevistas com seus familiares (avós, avôs, pais, mães, etc) sobre suas experiências com os rios. Esses relatos foram apresentados em um Grupo de Trabalho no simpósio que organizamos como atividade integrante da SMCT.

Fizemos parte da comissão avaliadora do concurso de desenho que ocorreu no dia 26 de agosto de 2025 no âmbito do Festival da Cana-de-Açúcar, o que contribuiu para pensarmos o modo como a mentalidade do agrohidronegócio permeia a educação através da arte. O concurso foi realizado pela Secretaria Municipal de Assistência Social, Trabalho e Cidadania de Araçoiaba-PE, por meio do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV), e em parceria com a Secretaria Municipal de Educação.

De 2022 até aqui, nas aulas de Geografia, ministramos aos estudantes da rede municipal uma série de oficinas de desenho e, em 2025, tivemos a oportunidade de ministrar também uma oficina para professores. Ambas as atividades contribuíram para o nosso exercício intelectual de pensar a arte como instrumento de produção do conhecimento geográfico.

A participação em eventos de Geografia foram fundamentais ao exercício das reflexões que resultam no estudo que trazemos aqui, sendo esses eventos espaços nos quais apresentamos trabalhos que compreendem enfoques em diferentes aspectos da temática deste trabalho. Participamos, por exemplo, do XXVI Encontro Nacional de Geografia Agrária (ENGA) que ocorreu em 2024 na Universidade Federal do Maranhão. Apresentamos uma reflexão sobre a formação do Estado brasileiro a partir da HQ Angola Janga, de Marcelo D’Salet. A apresentação representou uma etapa marcante para o processo de fortalecimento da compreensão da HQ como uma forma de expressão que nos permite explorar debates relativos à Geografia Agrária e pensar a produção do conhecimento geográfico a partir da Arte. No que diz respeito especificamente ao agrohidronegócio no município de Araçoiaba-PE, apresentamos um trabalho sobre o tema no XVI Encontro Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia (ENANPEGE) que ocorreu na Universidade Federal do Amapá.

O grupo de estudos do LEPEC foi, e continua sendo, fundamental para o exercício das ideias que resultaram neste trabalho. Neste segundo semestre de 2025, fizemos uma leitura



completa, e em grupo, da HQ “Angola Janga- Uma História de Palmares” de Marcelo D’Salete. A leitura foi intercalada por comentários e diálogos que contribuíram para a discussão que buscamos desenvolver sobre a arte, mais especificamente a HQ, como possibilidade de construção de um trabalho acadêmico na área de Geografia.

Há alguns anos o diálogo com o LEPEC tem impulsionado reflexões que se expressam em uma série de projetos que contribuíram decisivamente para a trajetória desta pesquisa. Em 2018, Alex Mendes de Andrade elaborou o desenho que foi utilizado para compor a identidade visual e o cartaz de divulgação do IX Simpósio Internacional de Geografia Agrária (SINGA), bem como o desenho que divulgou a edição seguinte do mesmo evento em 2023. É de sua autoria, também, o desenho que fez parte da identidade visual do XVI ENANPEGE, e o desenho que está compondo a identidade visual do XXVII ENGA, que será realizado em 2026, em Fortaleza-CE. Além de diversos outros trabalhos que, a partir da Geografia Agrária, estimularam estudos no campo da produção de artes visuais que conduziram a este projeto.

Nesse sentido, o percurso metodológico que conduz a este trabalho é a junção de atividades que, num dado momento envolve apenas a pesquisa no âmbito do agrohidronegócio e, em outros momentos, a experiência com o ensino, a análise e a produção de obras de arte que, quando não vinculadas especificamente à problemática do agrohidronegócio, nos permitem outros diálogos com a Geografia Agrária.

No que diz respeito à produção propriamente dita da HQ, que trazemos esse trabalho como um texto introdutório ao estudo, será escrito um roteiro, que já possui o esboço geral definido, e criadas as personagens. Posteriormente, será feito um esboço geral da HQ e em seguida a arte final.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir de Andrade (1973, 1989, 1994), podemos concluir que a manocultura da cana-de-açúcar teve um papel fundamental na definição do que veio a ser o território de Pernambuco, da região nordeste e do próprio Brasil. O município de Araçoiaba-PE é derivado dessa lógica de produção que insere o Brasil nas dinâmicas do mercado internacional e conserva a degradação do trabalho à qual se refere Thomaz Junior (2017).

Araçoiaba-PE é um território que traz em seu espaço agrário uma herança histórica dos tempos passados de colonização firme nos tempos presentes de colonialidade. Um exemplo



marcante disso é a monocultura da cana-de-açúcar que, segundo dados do Plano Diretor (2007), recobre 88,33% do território do município.

O território reúne uma série de nascentes e rios que são fundamentais à irrigação do monocultivo da cana-de-açúcar. Todavia, ao entrevistar os moradores profissionais do corte da cana-de-açúcar, nos foi dito que muitos rios não apresentam mais o volume de água de anos atrás. Os relatos nos trazem que as famílias os utilizavam para atividades de lazer e pesca, o que tem diminuído significativamente. Algumas espécies de peixes que eram possíveis de serem pescadas, atualmente não são mais encontradas nos rios, o que nos faz lembrar Andrade (1989) quando, em seu livro História das Usinas de Açúcar de Pernambuco, nos apresenta o quanto os rios que fazem parte do território da monocultura da cana-de-açúcar são afetados de modo a comprometer a pesca pela comunidade e, conseqüentemente, parte de sua alimentação.

Além de nos informar o quanto os mananciais do município são estratégicos para a segurança hídrica da Região Metropolitana do Recife, o Plano Diretor (2007) de Araçoiaba nos apresenta o quanto eles são afetados pelo monocultivo da cana:

A cultura da cana-de-açúcar, atividade agrícola municipal majoritária, e a intensificação produtiva recente experimentada pelo setor sucroalcooleiro têm levado a adoção de técnicas e práticas de cultivo danosas ao meio ambiente. A drenagem de vales através da retificação dos cursos dos rios, o uso intenso de defensivos agrícolas e fertilizantes em plantios que se estendem até as margens imediatas dos cursos d'água, a inexistência das matas ciliares de proteção dos rios e riachos substituídas pela extensa plantação de cana, o avanço da cana sobre as bordas das áreas com vegetação remanescente de mata atlântica e a continuidade da prática das queimadas anteriores à colheita são exemplos das técnicas e práticas produtivas que deveriam ser substituídas por outras ambientalmente sustentáveis. (Plano Diretor, 2007, p. 17).

No que diz respeito às condições de trabalho dos cortadores de cana, em um território onde quase 90% do seu espaço é monocultivo, todos os relatos convergem no sentido de reconhecer o quanto as condições de trabalho são degradantes. São recorrentes os relatos de pais que afirmam não desejar este tipo de trabalho para o futuro de seus filhos. Não é raro escutar relatos de cortadores que, antes de promulgada a Lei nº 8.069 de 13 de julho de 1990 o Estatuto da Criança e do Adolescente, iniciaram os trabalhos ainda enquanto crianças. A exposição prolongada ao sol com roupas abafadas, desmaios em meio a jornada de trabalho e acidentes com equipamentos de trabalho são realidades enfrentadas devido a, conforme os relatos da comunidade, falta de alternativas. Interessante como o Plano Diretor (2007) aponta que a falta de alternativas é justamente devido a predominância do monocultivo da cana-de-açúcar.



Em 2024, em diálogo com uma profissional da educação envolvida com a educação do campo, nos foi comentado que, no período do fim de uma colheita até o início da colheita seguinte, durante a entressafra, os estudantes sentem mais a necessidade da merenda escolar. Isso ocorre pois, nesse período, os cortadores de cana estão desempregados.

É nesse contexto que, para considerável parcela da população de Araçoiaba-PE, o acesso à água encanada é disponibilizado pela Companhia Pernambucana de Saneamento (Compensa) apenas em dois dias da semana.

Ocorre que a monocultura impõe também valores e visões de mundo na constituição do que Shiva (2003) designa de "monoculturas da mente". O próprio hino da Araçoiaba-PE nos permite pensar o modo como essa monocultura da mente opera também através da arte, considerando que o hino se trata de uma expressão poética e, portanto, também de teor artístico. Escrito por Mariano Antonio Cosmo, o hino traz o trabalho no corte da cana em um tom romantizado e evoca a riqueza hídrica do território:

Tu tens forma de um monte
Onde nascem ricas fontes
E molha a terra cultural
Que dá vida ao teu meio
E sacia a nossa sede
Com os teus mananciais.
Os teus filhos não fogem da luta,
Plantam cana de açúcar
Com muita dedicação
Trabalhando a vida inteira,
Deram o símbolo à bandeira
E a sua tradição.
(Araçoiaba, 2004)

Ademais, ocorre anualmente no município o "Festival da cana-de-açúcar", que além de shows e diversas apresentações artísticas, integra também atividades da rede municipal de educação, com concursos de desenho, redação e etc.

Diante desse contexto, a criação de uma HQ que traz discussões a respeito do agrohídro-negócio nos permite potencializar a análise crítica não apenas por questionar o modo como o agrohídro-negócio influencia a mentalidade da população com o auxílio da arte, mas por



considerar a produção artística como um componente metodológico na produção de nosso estudo sobre o agrohidronegócio.

Vale dizer que, discutir temáticas de natureza geográfica a partir da arte exige de nós um cuidado no sentido de que a representação do real não pode ser confundida, nem tratada em estudos, como o real propriamente dito. É famosa a obra de René Magritte que estimula uma reflexão a esse respeito, se trata da pintura de um cachimbo na qual o autor insere uma legenda na obra: "Isto não é um cachimbo". Como afirma Arbex (2007), o pintor quebra determinadas perspectivas dogmáticas sobre o mundo físico e mental. Existe um abismo que separa o desenho da paisagem da paisagem propriamente dita, de modo que a arte deve, é claro, ser tratada, também, dentro de seu próprio universo enquanto imagem, enquanto representação.

Quer dizer, a arte exige de nós um cuidado no modo como vemos o mundo, cuidado esse que não podemos deixar de ter em nossa leitura do mundo a partir da Geografia. Afinal, se trata de uma ciência que produz conhecimento também a partir das representações, como é o caso dos mapas.

Em estudos que nos permitem pensar algo referente à natureza da arte, é recorrente o destaque ao fato de que uma obra artística resulta de uma visão de mundo, apontado com frequência a dimensão pessoal do processo criativo. Isso pode ser verificado em Paulo Menezes (1997), Jorge Coli (1994), Jhon Berger (1974). Se tratam de leituras que apontam as temáticas tratadas nas obras de arte como algo ligado de modo inerente à subjetividade, ao olhar pessoal da artista, o que pode nos levar a pensar a arte de forma divergente à uma ideia de objetividade e impessoalidade da ciência.

Deste modo, o teor subjetivo que marca a produção artística não comprometeria o rigor necessário à produção do conhecimento científico? Não compreendemos a separação entre ciência e arte como algo fundamental pela suposta divergência entre a natureza de ambas. Vemos essa compreensão de divergência como resultado de uma racionalidade fragmentadora de saberes que ignora a dimensão política da ciência, e se fecha na ótica de uma ciência hegemônica e cartesiana.

Dentro dessa perspectiva, a ciência é posta como uma espécie de conhecimento impessoal, objetivo, universal. Todavia, Spivak (2010) problematiza esta questão ao nos fazer pensar que, por trás dessa ciência dita universal, estão camadas específicas da sociedade, a exemplos de europeus, elites patriarcais e homens brancos. Quando tratamos especificamente



da ciência geográfica e de sua história, verificamos que ela está longe da imparcialidade e da neutralidade, chegando a corroborar, inclusive, com processos de colonização.

De acordo com Souza Neto (2001), no Brasil, a definição da Geografia enquanto ciência se dá a partir da sua institucionalização, sendo a década de 1930 a sua data natal, com a criação do curso de Geografia na Universidade de São Paulo (1930) e da Universidade do Brasil (1935), além da Associação dos Geógrafos Brasileiros (1934) e do Conselho Nacional de Geografia (1937). O autor afirma que a partir de então, se adota toda uma forma francesa de fazer ciência na área, empregando seus métodos e até mesmo um certo "sotaque" francês.

Souza Neto (2001) afirma que, antes desse período o que existe é uma "pré-história" da ciência geográfica no Brasil. Como não havia Geografia enquanto ciência antes da década de 1930, se passou a pesquisar sobre a História do pensamento geográfico brasileiro. Porém, considerar a Geografia como ciência apenas na medida em que ela é institucionalizada, pode ser uma maneira de deslegitimar outras matrizes de produção de ciência geográfica não institucionalizadas e não derivadas de uma racionalidade eurocêntrica. De qualquer forma, a Geografia brasileira firmar-se enquanto ciência a partir, por exemplo, de uma instituição estatal como a USP, já coloca a dimensão política como um fator central de sua constituição. O que nos permite, portanto, questionar uma ideia de neutralidade científica.

Ocorre que, para além disso, a própria conformação da ciência geográfica moderna recebe uma significativa contribuição de práticas de cunho colonial:

"As novas terras adicionadas ao velho mundo tiveram também um papel decisivo na conformação da ciência geográfica moderna, na medida em que o seu conhecimento implicava o trabalho de cronistas que, a serviço dos reis, eram os responsáveis por relatar o que havia nas possessões territoriais conquistadas. Aos cronistas cabia, na realidade, inventariar a natureza com fins a sua ulterior exploração. Era com base nessas informações que as decisões geográficas eram tomadas. Por sua vez, tais decisões imprimiam ao trabalho dos geógrafos-cartógrafos um importante papel na delimitação de fronteiras, no arranjo dos limites naturais, nos desenhos do território e, logo, nas concepções que se passaram a ter sobre ele." (Souza Neto, 2000, p.10)

É a partir da compreensão de que a ciência é produto de variadas relações de poder que Ketterer Romero (2014) não hesita em incorporar sua trajetória pessoal enquanto mulher na construção de seu trabalho acadêmico e, estudando questões relativas às mulheres mapuche e não mapuche do sul do Chile, considera o gênero como chave teórica de sua reflexão. Somamos aqui o exemplo da contribuição da Anacleta Pires da Silva (2022) que, enquanto mulher negra



quilombola, nos permite pensar a História de Vida não como uma subjetividade indesejável à ciência, mas como instrumento teórico-metodológico para mulheres negras. Dona Anacleta é pedagoga, cozeira, lavradora, poetisa, cantora, compositora e instrumentista que nasceu e cresceu no Território Quilombola de Santa Rosa dos Pretos, Itapecuru-Mirim/Maranhão. É uma mulher negra defensora dos direitos humanos e luta por territórios livres em territórios marcados pelas lógicas desenvolvimentistas.

A ciência é produzida por um sujeitos que estão situados em territórios específicos, profundamente atravessados por relações de poder de diversas ordens, e esta condição, inevitavelmente, mesmo que camuflada por recursos de escrita impessoal ou discursos de neutralidade política, contribui para pensarmos a necessidade de levar em consideração quem são esses sujeitos que produzem Geografia e de que modo sua produção é omissa, conivente ou impulsionadora de violências que reverberam nos territórios. Ou de que modo essa ciência questiona tais violências.

Nesse sentido, encontramos, dentro de uma forma de conceber a ciência para além de uma visão de neutralidade e impessoalidade, um terreno fértil para trabalhar outros modos de construção do conhecimento geográfico. No caso da criação de uma história em quadrinhos, a obra "Angola Janga – uma História de Palmares", do Marcelo D'Saete, se apresenta como um trabalho de referência para o estudo que estamos desenvolvendo e que, de alguma maneira, o presente texto busca ser a introdução.

Enquanto as monoculturas foram impostas no território brasileiro e os bandeirantes invadiram o interior para, como nos diz Souza Neto (2000), transformar o território em Brasil, Geografias vinculadas a outros processos de formação territorial também se estabeleceram, foram reprimidas e resistem. E a HQ de Marcelo D'Saete traz uma contribuição significativa a esse respeito.

"Angola Janga" contribui para que possamos pensar a Geografia para além da institucionalização do conhecimento científico. Trata-se de uma HQ que, nas suas 432 páginas, nos apresenta uma variedade de questões que vão de conflitos territoriais e temáticas pertinentes a um debate sobre o controle da língua como instrumento de dominação. Em tradução do Quimbundo para o Português, "Angola Janga" significa Pequena Angola. Segundo D'Saete (2017), se trata do nome do quilombo conhecido colonialmente entre nós como "Quilombo dos Palmares", sendo o título do quadrinho, então, uma forma de resistência à colonialidade do saber que se empenha em extinguir as línguas de povos originários.



O Pácto de Cacaú apresenta uma estratégia colonial de controle do território a partir do estímulo de conflitos internos entre os quilombolas. Se trata de acordo feito entre os colonizadores e uma das lideranças do quilombo, o Ganga Zumba. O pacto consistiu na promessa de distribuição de terras para os quilombolas nascidos livres em Angola Janga, contanto que os fugidos da escravidão, entre eles Zumbi, se entregassem à Capitania de Pernambuco. Todavia, a concessão de terras pela coroa não permitia, por exemplo, que os quilombolas praticassem sua religião, o que faz valer a menção ao Raffestin (1993), quando, a partir dele, podemos compreender que a religião compõe parte da lógica de funcionamento do poder que opera no território. E a história em quadrinhos que tomamos como referência para este trabalho nos apresenta essas questões.

Ao abordar a identidade quilombola dentro de uma rede de conflitos territoriais, D'Salete (2017) contribui para o debate sobre o processo de complexificação da questão agrária, iniciado, como afirma Pereira (2021), a partir da década de 1980. Esse processo nos permite pensar as lógicas de controle da terra superando a oposição entre camponeses e latifundiários, reconhecendo, assim, que a complexidade territorial brasileira compreende também uma diversidade étnica que não pode ser considerada de forma homogeneizada dentro da categoria camponês.

Vale dizer que a relação entre os personagens não é o único recurso utilizado por Marcelo D'Salete para o desdobramento da história. O autor faz uma pesquisa de campo ao Quilombo dos Palmares e utiliza uma variedade de textos acadêmicos que tratam da colonização brasileira para contextualizar os acontecimentos. É possível encontrar na HQ mapas que demonstram o cuidado do autor na maneira de apresentar o território, sendo o quadrinho o resultado de um trabalho que não obedece à lógica de uma produção fragmentada do conhecimento, mas uma obra que compreende variadas dimensões do saber em uma fusão entre ciência e arte, razão e emoção.

D'Salet é transparente ao assinalar distinções entre a bibliografia utilizada como base para a HQ e a forma como a história é contada. Podemos utilizar como exemplo o personagem Governador da Capitania de Pernambuco. Segundo D'Salet, "os últimos 40 anos de Palmares contaram com diversos governadores da Capitania de Pernambuco" (p.422). No entanto, segundo o autor nas notas finais da obra, uma única pessoa é representada em seu quadrinho na intenção de tornar a narrativa concisa. Embora o quadrinista tenha adotado essa medida, o fato de chamar a atenção para o que está posto na narrativa em distinção ao que é trazido na



bibliografia que considerou como referência, demonstra o rigor do autor com o tratamento dos dados e seu comprometimento com a pesquisa.

Embora o trabalho de Marcelo D'Saete apresente diversos pontos de diferença em relação ao que estamos trabalhando a partir do agrohidronegócio no município de Araçoiaba-PE, é justamente a partir dos pontos em comum que buscamos as contribuições para nosso embasamento. Mesmo que a temática representada por D'Saete e a que trazemos aqui estejam, do ponto de vista temporal, separadas por séculos, o latifúndio e a monocultura da cana-de-açúcar, em ambos os casos, fazem parte da hegemonia de controle do território. Assim como, em ambos os casos, a história em quadrinhos se apresenta como uma forma de expressão propícia a ser construída a partir de uma metodologia também alinhada com um modo de se produzir conhecimento geográfico, como por exemplo, a partir do trabalho de campo, pesquisa documental e bibliográfica.

Na imagem a seguir (Figura 1), esboço de um quadro da HQ que desenvolvemos sobre o agrohidronegócio no município de Araçoiaba-PE. Considerando que a escola integra a comunidade e nossa experiência com a educação no município tem sido um componente da metodologia que desenvolvemos na pesquisa, trazemos como protagonista da HQ uma professora de Geografia que ministra aulas em uma escola de ensino fundamental Anos-Finais:

Figura 1: Personagem da HQ ministrando uma aula de Geografia.

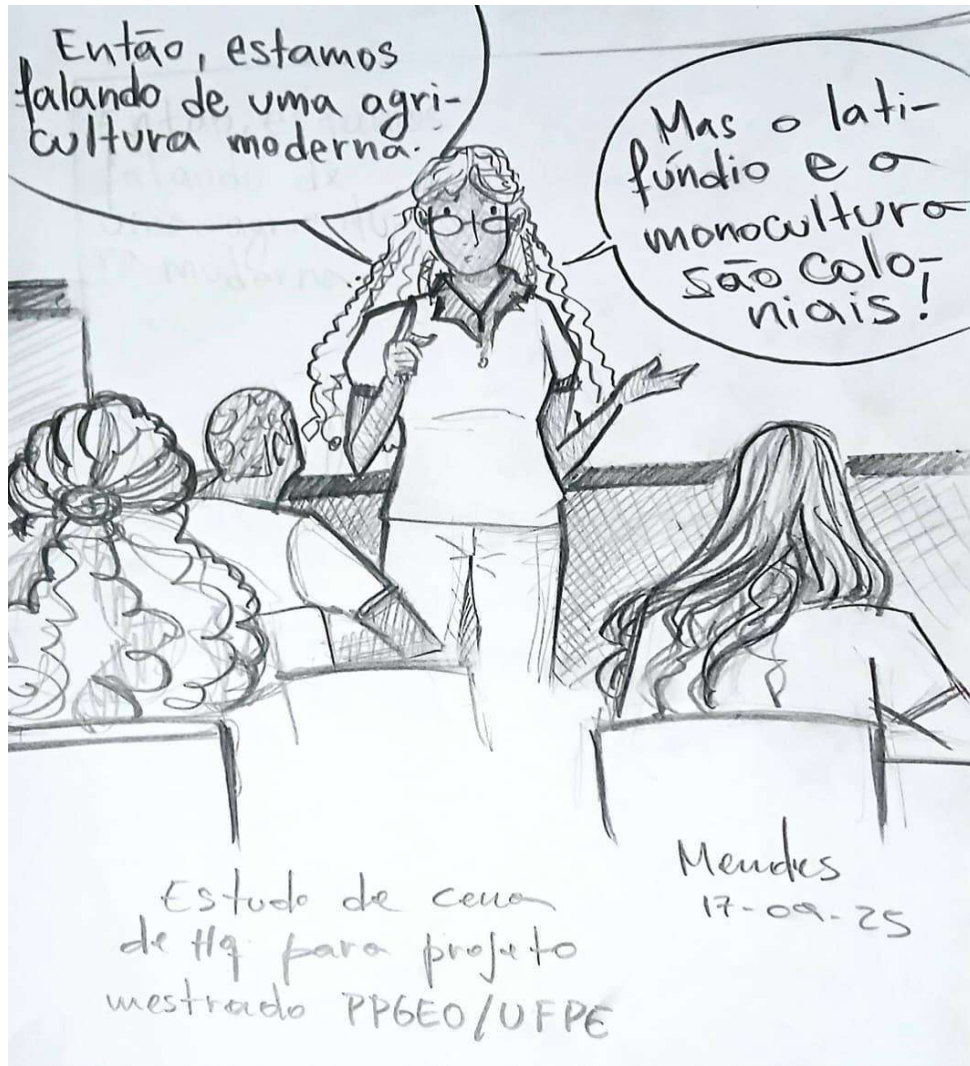


XI SINGA

SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA
XII SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA - JORNADA CARLOS WALTER PORTO-BONÇALVES

AS (IN)CONSEQUÊNCIAS TERRITORIAIS DA QUESTÃO AGRÁRIA E A
MUNDIALIZAÇÃO DO CAPITAL: RESISTÊNCIAS TEÓRICAS E POLÍTICAS

08 A 12 DE OUTUBRO DE 2025 | UFMS | TRÊS LAGOAS - MS



Fonte: Esboço de autoria de Alex Mendes de Andrade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em Araçoiaba-PE, o controle da terra e da água segue à serviço dos interesses de uma economia agroexportadora que reproduz lógicas de exploração do trabalhador no monocultivo da cana-de-açúcar. E considerando que a monocultura, além de ser imposta no território, é imposta em valores, pensamentos e visões de mundo, percebemos que os pensamentos derivados das "monoculturas da mente" dão origem a atividades artísticas e culturais que corroboram com a imagem do agrohidronegócio.



Esse é um dos motivos pelos quais compreendemos que identificar vias de aproximação entre Geografia e Arte pode ser uma medida estratégica no fortalecimento de estudos críticos sobre o agrohidronegócio.

Ademais, o processo de criação de uma HQ como parte da metodologia de um trabalho de mestrado nos permite uma reflexão sobre a importância de reconhecermos a legitimidade de outras formas de se fazer Geografia, para além daquelas que se pressupõe neutras e livres das dimensões pessoais e subjetivas que de tantas maneiras estão presentes na Arte.

Palavras-chave: Agrohidronegócio; História em Quadrinhos, Cana-de-açúcar, Monocultura, Arte.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Manuel Correia. **A Terra e o Homem no Nordeste**. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1973

_____. **História das USINAS DE AÇÚCAR de Pernambuco**. Recife. Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 1989.

_____. **Modernização e pobreza: a expansão da agroindústria canavieira e seu impacto ecológico e social**. São Paulo: Editora UNESP, 1994. 250 p.

D'SALET, Marcelo. Angola Janga: **Uma História de Palmares** - São Paulo: Veneta, 2017.432p.;II.

McCLOUD, S. **DESENHANDO QUADRINHOS: O SEGREDO DAS NARRATIVAS DE QUADRINHOS, MANGÁS E GRAPHIC NOVELS**. São Paulo: M. Books do Brasil Editora Ltda, 2006, 268p.

_____. **DESVENDANDO OS QUADRINHOS: História. Criação. Desenho. Animação. Roteiro**. São Paulo: M. Books do Brasil Editora Ltda, 2005, 218p.

SOUSA NETO, Manoel Fernandes de. A ciência geográfica e a construção do Brasil. Terra Livre, São Paulo, n.15, p.9-20, 2000.



XI SINGA

SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA
XII SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA - JORNADA CARLOS WALTER PORTO-BOÇALVES

AS (IN)CONSEQUÊNCIAS TERRITORIAIS DA QUESTÃO AGRÁRIA E A
MUNDIALIZAÇÃO DO CAPITAL: RESISTÊNCIAS TEÓRICAS E POLÍTICAS

08 A 12 DE OUTUBRO DE 2025 | UFMS | TRÊS LAGOAS - MS

SINTAXE consultoria; Agência CONDEPE/FIDEM. **PLANO DIRETOR Araçoiaba.**

Governo do Estado de Pernambuco, Recife, 2007. 85 p.

LIMA, Maria do Socorro Bezerra; MOREIRA, Érika Vanessa. A pesquisa qualitativa em geografia. Caderno Prudentino de Geografia, v. 2, n. 37, p. 27-55, 2015.

PEREIRA, C. de Freitas. **Nova centralidade do território e da identidade nas lutas sociais e processo de complexificação da questão agrária.** São Paulo: Revista GeoUSP: espaço e tempo. Vol 25 n° 3, 2021, 20p.

RAFFESTIN, C. **POR UMA GEOGRAFIA DO PODER.** São Paulo: Editora Ática S.A.
Tradução: Maria Cecília França. 1993, 269p.

SHIVA, Vandana. Monoculturas da mente: perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia. São Paulo: Gaia, 2003.

THOMAZ JUNIOR, Antonio. **A DEGRADAÇÃO SISTÊMICA DO TRABALHO NO AGROHIDRONEGÓCIO.** Mercator, Fortaleza, v. 16, e16020, 2017.